

ISSN: 1641-4713; e-ISSN: 2081-1160

DOI: <https://doi.org/10.36551/2081-1160.2023.32.47-64>

## Movimentos sociais e pandemia: consequências do Covid-19 na atuação dos movimentos sociais<sup>1</sup>

*Social movements and pandemic: consequences of the Covid-19 on the social movements*

Mateus Gustavo Coelho

Universidade Federal de Santa Catarina

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-6580-9279>

E-mail: [mateusgusco@gmail.com](mailto:mateusgusco@gmail.com)

Recepción: 1.11.2023

Aprobación: 11.12.2023



**Resumo** O #Elenão, organizou as maiores manifestações de cunho feminista que ocorreram na história do Brasil, deixando evidente uma certa popularização do feminismo em diferentes camadas da sociedade brasileira. Este movimento, para muitos, era considerado como uma espécie de termômetro para o que seriam os anos vindouros dos movimentos sociais no Brasil. Mas, o que foi visto nos anos seguintes, foi uma diminuição massiva dos protestos de rua, gerando uma impressão de uma desmobilização por parte dos movimentos sociais, que foi acentuada ainda mais pela COVID-19. Muito além de uma impressão coletiva de desmobilização dos movimentos sociais no Brasil e de uma falta de movimentos de resistência contra o governo de Jair Bolsonaro, o que percebemos é que muitos movimentos continuaram com suas lutas, colocando em pauta as suas questões e trazendo para a discussão em nossa sociedade as consequências causadas pela pandemia.

**Palavras-chave:** Feminismos, Lutas sociais, COVID-19, Solidariedade, Vulnerabilidade Social.

**Abstract:** The #Elenão movement, organized the largest manifestations of a feminist nature that occurred in the Brazilian history, making evident the "popularization" of feminism in different layers of Brazilian society. This movement, for many, was considered as a kind of thermometer for

---

<sup>1</sup> Este artigo foi escrito com material coletado e com financiamento do CNPq - processo nº 404662/2021-8 - MANDONAS: memórias, políticas e feminismos no Cone Sul (1980-2020).

what would be the coming years of social movements in Brazil. But what was seen in the following years was a massive decrease in street protests, generating an impression of a demobilization on the part of social movements, which was further accentuated by COVID-19. Far beyond a collective impression of demobilization of social movements in Brazil and a lack of resistance movements against the government of Jair Bolsonaro, what we perceive is that many movements continued with their struggles, putting their issues on the agenda and bringing to the discussion in our society the consequences caused by the pandemic.

**Keywords:** Feminisms, Social struggles, COVID-19, Solidarity, Social Vulnerability.

## INTRODUÇÃO

Os anos anteriores à pandemia causada pelo COVID-19 foram de uma profusão de manifestações políticas sem precedentes na história da humanidade, diferentes movimentos eclodiram ao redor do globo demonstrando a fragilidade do momento em que vivíamos. Esta onda global de protestos também pôde ser sentida na América Latina, com movimentos na Argentina, Colômbia, Chile, Equador, Bolívia, etc. Já no Brasil, nestes últimos anos da década, os movimentos estavam mais focados em resistências às reformas econômicas e previdenciárias iniciadas no governo de Michel Temer (Gohn, 2020: 3).

Já no fim do ano de 2019, a pandemia começava a dar seus primeiros sinais. Desta forma, o ano de 2020 começa sob o cenário de início de uma pandemia que logo no final de janeiro chega à Europa. Em poucos meses a doença se espalha ao redor do globo, sendo março de 2020 o mês em que a maioria dos países do mundo entram em quarentena, o que não foi diferente no Brasil.

O confinamento por conta da quarentena teve consequências diretas nos movimentos sociais, como as ruas não podiam ser ocupadas, o espaço privado, as janelas e varandas passaram a ser locais de protestos, sendo os painéis uma das principais formas de manifestação vistos neste período no Brasil. As redes e mídias sociais também tiveram um papel mobilizador importante, de performances artísticas à *lives* musicais, o país foi tomado por uma onda de manifestações artísticas e culturais virtuais. Mas a pandemia não tirou completamente a importância das ruas enquanto espaço de manifestações, carreatas e buzinaços foram vistos por todo o país em atos contra e a favor do então presidente.

A necessidade do distanciamento social, fez com que, inevitavelmente, as redes sociais se tornassem o principal meio de mobilização e articulação social nesse período pandêmico. Assim, foi fundamental a atualização dos movimentos, se aperfeiçoando com os usos de recursos da tecnologia. Mas como dito anteriormente, as ruas não perderam o seu papel na luta política. “Ao final de maio de

2020, após quase três meses de quarentena, com atos públicos presenciais nas ruas apenas do grupo antidemocrático, manifestações de grupos progressistas retornam às ruas, com demandas pró-democracia, em defesa da democracia” (Gohn, 2020: 5). Assim, mesmo com a crise gerada pela pandemia, as ruas ainda se mantiveram como importantes meios de mobilização e articulação política.

Mesmo com estas mobilizações, o que foi sentido no Brasil foi uma certa apatia por parte dos movimentos sociais em lutas pela garantia e manutenção de direitos básicos para nossa população. Esta sensação é acentuada ainda mais quando vemos que em nossos vizinhos como Chile, Argentina, Colômbia, Bolívia, entre outros, a pandemia não foi decisiva para impedir que seus povos fossem às ruas em manifestações e lutas por mudanças sociais.

Aqui no Brasil nossa resposta à pandemia não foi tão grande quanto nosso engajamento nas redes. Ficamos em casa, nos isolamos, tivemos medo. Estatisticamente, nós mulheres sofremos com a sobrecarga dos serviços domésticos, com, ainda, o aumento da violência doméstica, o aumento do feminicídio. O fique em casa aqui foi um remédio para a pandemia e um veneno para uma sociedade que sofre com profundas desigualdades sociais. (Madeira, 2021)

Desta forma, a partir de uma sensação de desmobilização dos movimentos sociais, nossa pesquisa pretende levantar algumas hipóteses a respeito de alguns processos que ocorreram dentro destes movimentos e como a pandemia afetou diretamente suas lutas tanto nos campos sociais quanto políticos. Muito além de buscar respostas aos inúmeros problemas que a sociedade brasileira encontrou neste período tão cruel, este trabalho tem como objetivo apontar caminhos para futuras investigações, entendendo as complexidades dos temas aqui trazidos e a falta de bibliografia sobre muitos destes temas. Os caminhos traçados aqui se deram a partir de inúmeras conversas informais, debates realizados em grupos de estudos com inúmeros e inúmeras agentes de diferentes movimentos sociais. Apesar de ser um trabalho com apenas uma autoria, este foi desenvolvido a partir de um trabalho colaborativo com pessoas de dentro e fora da academia, que estavam na linha de frente dos inúmeros enfrentamentos à pandemia no Brasil<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Eu devo inúmeros agradecimentos a tantas pessoas que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, mas gostaria de agradecer especialmente a professora Sonia Alvarez que me recebeu na Universidade de Massachusetts e foi quem me provocou a começar esta pesquisa. Também gostaria de agradecer a toda a equipe do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH/UFSC) que em seus encontros semanais foi um espaço de acolhimento durante a pandemia mesmo que mediado por telas. As discussões realizadas no LEGH foram fundamentais para discutirmos o tempo em que estávamos vivendo e assim entendermos nossos próprios sentimentos durante a pandemia, deixando a sensação de isolamento um pouco menor. Ainda preciso agradecer a toda a equipe de Movimentos Sociais do Instituto de Estudos de Gênero (IEG/UFSC), responsável pela articulação entre os movimentos e a academia, colocando em contato agentes de inúmeros

## FEMINISMOS NAS RUAS: #ELENÃO

No ano de 2018, o movimento #Elenão, manifestações que ocorreram em diversas cidades brasileiras e ao redor do mundo em repúdio ao então candidato a presidente Jair Bolsonaro, foi a maior manifestação encabeçada por mulheres e de cunho feminista que já ocorreu no país. O #EleNão mobilizou um feminismo plural, tensionando a posição de inclusão das mulheres na pauta política (Schwenger & Pinheiro, 2020). Trazendo algumas demandas das mulheres que eram tidas como centrais a um Estado democrático. O #Elenão traz como novidade ao cenário das manifestações no país o protagonismo das mulheres. Em um cenário político polarizado, era de se esperar que a disputa à presidência não seria tranquila, mas “o que ninguém poderia prever é que 2,5 milhões de mulheres, cis e trans, de direita e de esquerda, brancas e negras, militantes e mais observadoras, fariam muito barulho e incomodariam muita gente” (Abreu *et al.*, 2018).

Como consequência dessas manifestações, era esperada uma continuidade desses movimentos de protestos, mas, infelizmente, não foi isto o que ocorreu. Como resultado da onda de manifestações trazidas pelo movimento, as pesquisas apontaram um crescimento de 6% na intenção de votos para o candidato Bolsonaro (Weterman, 2018). Segundo dados da pesquisa de intenção de votos realizada pelo IBOPE um dia depois dos protestos de 29 e 30 de setembro, Bolsonaro teve um crescimento de 4 pontos percentuais em relação à pesquisa realizada anteriormente, enquanto sua rejeição permaneceu estável em 44%, segundo a pesquisa (G1, 2018). Para a CEO do Ibope, Márcia Cavallari, o capitão reformado apresentou crescimento de 6% entre o eleitorado feminino neste período (El País, 2018), demonstrando um possível “impulso” dado pelos protestos à sua candidatura.

Mesmo que seja difícil apontar relação direta entre o aumento das intenções de voto em Bolsonaro e as manifestações do #Elenão, o que temos é que, logo após a onda de manifestações, as intenções de voto no candidato subiram principalmente no eleitorado feminino. O que podemos supor é que, em decorrência dos inúmeros *backlashes* e ataques em massa feitos nas redes sociais contra o #Elenão, parte do eleitorado feminino abraça estes discursos antifeministas.

---

movimentos, com diferentes bandeiras, cores e reivindicações. Participar da comissão de Movimentos Sociais foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa, pois me colocou em contato com inúmeros e inúmeras militantes que me mostraram o quando as suas lutas foram fundamentais para o nosso povo durante este período tão duro.

É importante ressaltar que, neste ano, pela primeira vez na história podemos acompanhar a intenção de votos a partir de uma perspectiva de gênero no Brasil, este que tem a maioria do eleitorado composto por mulheres, assim como estas também fizeram parte da maioria dos indecisos nas últimas eleições presidenciais, sendo decisivas para o pleito (Martins, 2020: 7).

Sem dúvidas, o #EleNão foi o maior e mais importante ato de protesto que se formou no período eleitoral brasileiro em 2018, exercendo grande influência no cenário eleitoral. Segundo Jamile da Silva, o movimento de iniciativa feminista teve uma forte influência nacional e internacional, mobilizando milhares de pessoas a se posicionarem contra o discurso machista e discriminatório de um dos principais candidatos na disputa à presidência, Jair Messias Bolsonaro. Mas que, mesmo com sua magnitude e importância, segundo a autora, o movimento foi atenuado por uma contra narrativa autoritária e preconceituosa e que as variações opostas que ocorreram a partir dele, foram, de certa forma, responsáveis pelo desfecho das eleições de 2018 (Silva, 2021).

O “#EleNão” foi uma mobilização político-apartidária, criada inicialmente por mulheres, que ocorreu no ano de 2018 em meio à corrida presidencial brasileira, tendo como principal objetivo impedir a eleição do então candidato Jair Bolsonaro, por suas declarações machistas, racistas, homofóbicas e misóginas. A ideia principal do movimento era a de conscientizar as mulheres, independente de credo ou posicionamento político, de que a figura do candidato em questão era uma ameaça aos valores básicos, e que sua eleição poderia significar um retrocesso aos direitos já adquiridos e aos que elas ainda estariam por adquirir. Mas, por conta de uma larga ofensiva produzida por grupos apoiadores do então candidato, a partir de uma disputa ideológica baseada na distinção entre “esquerda e direita”, os argumentos do movimento “EleNão” foram reduzidos, pejorativamente, como sendo pautas esquerdistas e de reivindicações partidárias (Silva, 2021).

Assim, movimentos de oposição ao #EleNão, o #EleSim, se apropriaram do mesmo escopo enunciativo, com o intuito não somente de provocar um jogo de palavras antônimas, mas sim de estabelecer um apagamento da narrativa que originalmente se apresenta no discurso contrário. Segundo Silva: “A materialização, aceitação e legitimação do enunciado ‘EleSim’ obedece aos critérios de uma sociedade desigual com inclinações elitistas, machistas e discriminatórias contra minorias em geral” (Silva, 2021). Em um jogo discursivo na internet, os movimentos do #EleNão foram atacados de forma massiva por grupos que apoiavam o então candidato, com o intuito de desqualificar o movimento.

Ainda, segundo Silva, apesar de os atos contra Bolsonaro terem se espalhado dentro e fora do Brasil, o movimento perdeu força, ao passo que grupos e apoiadores da ideologia bolsonarista se levantaram contra a participação das figuras públicas que aderiram à campanha, deslegitimando suas vivências e, por conseguinte, seus discursos. Em suas palavras:

A estratégia dos apoiadores de Jair Bolsonaro de enfatizar a correlação do feminismo com o movimento não foi feita de forma fortuita, mas sim com o intuito de ativar, na memória do coletivo, pautas que o movimento feminista defende e que são vistas, ainda, com rejeição dentro da sociedade brasileira conservadora, como, por exemplo, a legalização do aborto, as liberdades sexuais, entre outras. Seguindo essa estratégia, não demorou muito para que a dicotomia mulheres de direita *versus* mulheres de esquerda tivessem sido implantada no centro das discussões, instigando a rivalidade e buscando minar a ideia de que o movimento representaria a opinião pública de todas as mulheres. (Silva, 2021)

A partir de uma campanha de difamação em massa, grupos de apoio ao candidato Bolsonaro usaram as redes sociais para criar uma falsa ideia a respeito do que seria o feminismo. Utilizando-se destas redes, dois grandes grupos foram de extrema importância para o processo eleitoral desse ano. De um lado encontrávamos o grupo “Mulheres com Bolsonaro#17 [oficial]” de outro, o grupo rival, “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro”, principal grupo responsável por levar milhões de pessoas às ruas para dizer Ele Não, na tentativa de manter e aumentar a rejeição do candidato no final do primeiro turno eleitoral. A partir da observação do jogo enunciativo-político que se formou durante as eleições de 2018: “foi possível inferir que o movimento #EleNão, apesar de ter sido um ato de grande amplitude, foi abafado pelos ataques da narrativa contrária de grupos ultraconservadores movidos por interferência das refrações ideológicas que recaem sobre o social” (Silva, 2021).

As tensões entre feminismos e anti-feminismos não foram uma novidade durante esse ano eleitoral. A partir de uma crescente ascensão da “nova direita” no país, percepções sexistas foram ganhando força. Onde: “os discursos desses grupos que se colocaram em oposição a Onda Rosa, agora chamados de Maré Azul, giravam em torno de um posicionamento moralista e conservador a respeito da posição da mulher na sociedade” (Aguiar & Pereira, 2019: 11). Partindo de princípios religiosos, estes grupos pautavam um enfrentamento direto aos grupos feministas.

Os movimentos anti-feministas começaram a ganhar força no Brasil desde de 2014, onde estes grupos passaram a proliferar nas redes sociais. Partindo de uma crítica aos avanços em temas sobre diversidades pautados pelos governos de esquerda no Brasil, estes grupos iniciaram ofensivas àquilo que consideravam

como “pautas de esquerda”, se baseando em princípios conservadores principalmente em relação ao conceito de família e a ideia do papel da mulher como cuidadora (Aguiar & Pereira, 2019: 11). Nas palavras de Faludi:

Toda a vez que as mulheres parecem ter algum sucesso na sua marcha rumo à igualdade, surge uma inevitável geada atrapalhando o florescimento do feminismo. ‘O progresso dos direitos da mulher na nossa cultura, ao contrário de outros tipos de ‘progresso’, sempre foi estranhamente reversível’ (Faludi, 2001: 65).

Ainda segundo a autora, estes movimentos de críticas ao feminismo partem de processos de construções de narrativas com forte influência religiosa, criando um imaginário de aversão aos movimentos feministas que, segundo estes grupos, atacam os princípios morais da sociedade, ou seja, as estruturas familiares que reproduzem os papéis tradicionais de masculinidade e feminilidade.

Essa ideia polarizada acaba distorcendo e estereotipando a opinião pública a respeito do que foram os movimentos do #Elenão. Este movimento que mobilizou milhões de pessoas a irem às ruas, para muitos era considerado como uma espécie de termômetro para o que seriam os anos vindouros dos movimentos sociais. Mas, o que foi visto nos anos seguintes, foi uma diminuição massiva dos protestos de rua, gerando uma impressão de uma desmobilização por parte dos movimentos, que foi acentuada pelo COVID-19.

#### HIPÓTESE 1 (HIPÓTESE GLOBAL)

Pouco mais de um ano após a posse de Jair Bolsonaro, o Brasil, assim como o restante do mundo, começou a sentir os impactos diretos da pandemia. Além de influenciar na saúde das pessoas, a pandemia tem um importante papel na saúde mental dos indivíduos. Em um período em que bilhões de pessoas se viram confinadas em suas casas, a insegurança foi presente na vida de quase a totalidade da humanidade. O medo constante do contágio e os longos meses de confinamento acabaram gerando uma sensação coletiva de cansaço (Klajner, 2021; Araoz & Ramos, 2022; Gomes *et al.*, 2021; Calegaru & Doti, 2022). A sensação de esgotamento foi uma das mais discutidas nesse período e de como esta influenciou a vida de bilhões de pessoas ao redor do Globo.

Mas a pandemia teve impactos diferentes para diferentes indivíduos, assim, a ideia de que a pandemia teria “gênero, raça e classe” começou a ser largamente difundida nos meios acadêmicos. Com o passar do tempo, esta ideia acabou sendo confirmada em dados, onde, por exemplo, no Brasil, a população negra foi a que mais sofreu com o vírus (Resende, 2021; Goes *et al.*, 2020; Santos *et al.*, 2020).

A questão de gênero também foi importante para se compreender como a pandemia agiu em nossas sociedades. A partir da ideia de que a sensação de estafa sentida de uma maneira geral pelas pessoas ao redor do globo, se apresentava de maneira mais acentuada nas mulheres. “É importante destacar que essa pandemia não é apenas um problema de saúde pública, ela é considerada um choque social profundo, no qual as mulheres estão no centro dos esforços de atendimento e resposta em andamento” (Barbosa *et al.*, 2020). No Brasil, as mulheres são historicamente responsáveis pelos trabalhos que envolvem o cuidado, trabalhos estes que foram essenciais durante o enfrentamento à COVID (Duarte, 2021). Também é historicamente conhecida a noção de dupla ou tripla jornada de trabalho exercida pelas mulheres, que além de trazerem o sustento para as suas casas ainda precisam desempenhar a maior parte dos trabalhos domésticos e de cuidado com as suas famílias.

Em um país em que cerca de 40% dos domicílios são mantidos por mulheres e onde estas trabalham em média 7,5 horas a mais que os homens por semana (IPEA, 2017: 1), é de se esperar que esta sensação de cansaço tenha afetado diretamente mais a parcela feminina de nossa sociedade. Assim, este cansaço coletivo que afetou os movimentos sociais de maneira geral, teve uma influência mais severa nos movimentos feministas. O isolamento social aliado à precarização do trabalho, o desemprego, assim como a dupla jornada de trabalho (seja esta remunerada ou não) dentro e fora de casa, têm o poder de resultar em violências sobretudo institucionais, pois o modelo de divisão sexual do trabalho sobrecarrega em nossas sociedades as mulheres. Estas a quem é socialmente destinado os trabalhos de cuidado com os membros da família, as crianças, idosos e doentes.

Além disso, existem as mulheres, chefas de família monoparentais, que são impossibilitadas de acessar o direito à autoproteção uma vez que são obrigadas a trabalhar durante a quarentena para garantir seu sustento. Como exemplo é possível citar os profissionais de saúde, na sua maioria mulheres, empregadas domésticas, atendentes de lojas, supermercados, dentre outros. Por isso, é preciso pensar nessas mulheres e como a pandemia as tem afetado de formas diferentes. Ademais, o suporte social diminuiu com o fechamento de creches, estabelecimentos de ensino e religiosos, serviços de proteção à mulher como delegacias e centros de referência à violência doméstica. (Barbosa *et al.*, 2020)

Desta forma, a violência machista aumentou como fruto do confinamento, com o aumento da exploração silenciada do trabalho de cuidado não remunerado (Lengueta, 2021: 148).

Ademais, a hiperconectividade neste período foi responsável por um nível de cansaço ainda maior, como pode ser percebido no trabalho realizado por Maricela Portillo e Daphne Beltrán que entrevistaram diversas ativistas



feministas na Cidade do México, em suas entrevistas elas percebem que: “A conectividade permanente com as redes sociodigitais e o trabalho vinculado ao seu ativismo tem causado a elas altos níveis de cansaço, pois exige um esforço muito maior do que o que dedicam às suas ações coletivas, seja online ou nas ruas.”<sup>3</sup> (Sánchez & Fuentes, 2021: 26, tradução nossa). O próprio ativismo dentro dos movimentos feministas também, neste período de esgotamento mental extremo, foi responsável por ajudar a acentuar esta sensação. Pensando que a maior parte das ativistas atuam nos movimentos como voluntárias, a sensação de esgotamento causada pelo trabalho cotidiano e pela dupla jornada de cuidar de suas casas, ficava ainda maior com a tripla jornada de atuar nas lutas sociais.

A retirada para a vida doméstica trouxe consigo uma forte carga emocional que as mulheres muitas vezes carregam em seus ombros dentro de suas casas. O ativismo feminista é em si um trabalho com forte componente de desgaste emocional, mas o contexto atual o intensificou. Isso pode ser corroborado por nossas informações empíricas. Uma das táticas que as mulheres implementaram com muito mais ênfase neste momento foi a vigilância consigo mesmas e com suas companheiras.<sup>4</sup> (Sánchez & Fuentes, 2021: 30, tradução nossa)

Apesar de os espaços feministas se constituírem, muitas vezes, enquanto lugares de escuta e acolhimento; durante a pandemia, a rotina cada vez mais exaustiva afastou diversos agentes das lutas nos campos sociais.

Além do cansaço coletivo causado pela pandemia, viver em um país em que o governo exercia uma necropolítica, não agindo diretamente no enfrentamento à pandemia, acentua ainda mais esta sensação. Como nos diz André Duarte, a agenda política de Bolsonaro é de implementar uma democracia de fachada, borrando assim as fronteiras entre democracia e autoritarismo, gerando um corte nos vínculos entre a democracia e a sua população, bloqueando as lutas políticas coletivas por direitos e melhores condições de vida para as populações historicamente desprovidas deles no Brasil. Em suas palavras: “Se o mundo inteiro sofreu imensamente com os efeitos devastadores da pandemia, no Brasil a situação foi ainda mais agravada pelo completo desinteresse de Bolsonaro em

---

<sup>3</sup> No original: “la conectividad permanente a las redes sociodigitales y el trabajo vinculado con su activismo les ha provocado niveles altos de cansancio ya que requiere un esfuerzo mucho mayor del que por sí dedican a sus acciones colectivas, ya sean en red o en las calles” (Sánchez & Fuentes, 2021: 26).

<sup>4</sup> No original: “El repliegue a la vida doméstica ha traído consigo una fuerte carga emocional que suelen llevar sobre los hombros las mujeres dentro de sus hogares. El activismo feminista constituye en sí mismo un trabajo con un fuerte componente de agotamiento emocional, pero el contexto actual lo ha intensificado. Así pudo ser corroborado a través de nuestra información empírica. Una de las tácticas que han implementado las mujeres con mucho mayor énfasis en este momento, ha sido la vigilancia con ellas mismas y con sus compañeras.” (Sánchez & Fuentes, 2021: 30)

enfrentar devidamente a crise sanitária por meio de políticas coordenadas e baseadas em evidências científicas comprovadas<sup>5</sup>” (2023: 5, tradução nossa). Assim, o cansaço e a estafa de viver em um período de pandemia em um governo que nada ajudava, afetou diretamente os movimentos sociais e, principalmente, os movimentos feministas.

## HIPÓTESE 2 (HIPÓTESE REGIONAL)

A crise gerada pelo vírus foi sentida de maneira global, mas a forma que esta crise de saúde pública e social foi sentida nos países ricos e pobres se deu de maneira diferente. É o que deixa claro Judith Butler (2020), segundo ela, o vírus em si não discrimina, podemos até dizer que trata a todos como iguais, nos colocando igualmente em risco de adoecer, perder alguém próximo e de viver em um mundo em ameaça iminente. O vírus assim demonstra que toda a comunidade humana é igualmente frágil, mas a desigualdade radical que inclui o nacionalismo, a supremacia branca, a violência contra as mulheres, as pessoas *queer* e trans e a exploração capitalista encontram formas de reproduzir e fortalecer seus poderes dentro das zonas pandêmicas.

Assim a crise que assolou o mundo todo se deu de maneiras distintas entre o Norte e o Sul Global. As diferenças econômicas entre as nações resultaram em diferentes formas de enfrentamento ao vírus. Enquanto os países ricos estoavam vacinas, o restante do mundo ficou para trás (Picheta, 2020; Willians, 2020). As contradições dentro do próprio sistema capitalista fizeram com que a ameaça global de uma pandemia tivesse consequências distintas em diferentes países. Como exemplo disto podemos pegar os dados da COVID no Brasil, segundo o pesquisador Pedro Hallal, o Brasil possui cerca de 2,7% da população mundial, mas concentra cerca de 13% de todas as mortes causadas pela pandemia no mundo (Agência Senado, 2021). As discrepâncias econômicas entre os países forjaram também discrepâncias na forma como estes puderam enfrentar esta pandemia.

As diferenças econômicas entre as nações fizeram com que suas populações sentissem e vivenciassem a pandemia de formas diferentes. Estas diferenças também influenciaram de maneira direta as lutas dos movimentos sociais. Em

---

<sup>5</sup> No original: “If the whole world immensely suffered under the devastating effects of the pandemic, in Brazil the situation was even worsened by Bolsonaro’s complete lack of interest in duly confronting the health crisis through coordinated policies based on proven scientific evidence.” (Duarte, 2023: 5)

uma pandemia que exigia distanciamento social obrigatório o acesso aos meios de comunicação foi fundamental assim como o acesso aos bens de saúde.

Neste período pandêmico, a internet e seus espaços virtuais se tornaram cada vez mais importantes em diferentes camadas de nossas vidas. O teletrabalho se tornou presente na vida cotidiana de milhões de pessoas ao redor do mundo, assim como a internet foi responsável pelo entretenimento nesse período graças aos serviços de streaming e às *lives* artísticas, mas também a internet foi fundamental para a articulação dos movimentos sociais e políticos em suas lutas. O que não foi diferente nos movimentos feministas que: “estão em constante transformação e, pelo menos nos últimos anos, as redes sociodigitais têm servido como ferramentas fundamentais para sua continuidade em todo o mundo.” (Sánchez & Fuentes, 2021: 9).

No Brasil, os movimentos sociais, assim como no restante do Sul Global, seguem a tendência de serem majoritariamente movimentos de base. Como característica, esses movimentos dependem diretamente das arenas de discussões para realizarem seus trabalhos. Por conta da pandemia, as reuniões presenciais não puderam ocorrer, afetando os encontros de discussões dos movimentos sociais. Enquanto por um lado, os espaços virtuais quebraram barreiras geográficas, possibilitando o encontro de diferentes agentes de diferentes regiões do país em diversos espaços de debate, gerando novos vínculos com ativistas de outras partes do país e do mundo (Sánchez & Fuentes, 2021: 27), o acesso da maior parte da população brasileira a estes espaços foi limitado, ou, até mesmo, nulo.

Especificamente, apesar de quase 81% da população brasileira ter alguma forma de acesso à internet (Silva, 2022), ainda este acesso é bastante precário. Cerca de 34 milhões de pessoas estão completamente desconectadas da internet, e outros 86,6 milhões não conseguem se conectar todos os dias, representando cerca de 71% da população, o que afeta principalmente as classes C, D e E de nossa sociedade. Em contrapartida, os outros 49,4 milhões de brasileiros que têm acesso à internet diariamente fazem parte majoritariamente das classes A e B (G1, 2022). Além do mais, nas classes C e D o acesso ao computador também é raro, sendo que o celular e os dados móveis são o principal meio de acesso à internet (Silva, 2022)<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Apesar de estes serem dados divulgados por meios de comunicação sem revisão por pares, eles reforçam uma ideia bastante difundida no país, a da falta da democratização do acesso à internet. É importante ressaltarmos que no Brasil houve um “apagão de informação” devido a não realização do Censo Demográfico organizado pelo IBGE em 2020, sendo os últimos dados concretos que tínhamos na data de realização desta pesquisa desenvolvidos em 2016. Mas os dados trazidos aqui, apesar de não serem totalmente confiáveis, demonstram uma evolução dos dados obtidos por pesquisas realizadas anteriormente.

Durante o período pandêmico, os movimentos precisaram se adaptar, tornando as reuniões virtuais o principal meio de encontro e discussão. Esta mudança do espaço político para as redes, afetou diretamente os movimentos sociais, principalmente os movimentos de base. O que era percebido nas reuniões destes movimentos que, principalmente os agentes periféricos não podiam participar das reuniões, ou, quando participavam, tinham grandes dificuldades de conexão.

Assim, a pandemia afetou diretamente os movimentos sociais de modo geral no Brasil. Além disso, a falta de uma política pública de democratização da internet apenas acentuou o abismo gerado pela pandemia, que, mesmo após anos do Marco Civil da Internet (2014), ainda faltam investimentos massivos em infraestrutura para superar os abismos da desigualdade de acesso (UNITED NATIONS, 2019).

### HIPÓTESE 3 (HIPÓTESE LOCAL)

No Brasil, durante a pandemia, milhões de pessoas ficaram desempregadas e perderam a sua principal fonte de renda. Além do mais, uma inflação galopante afetou diretamente o poder de compra dos brasileiros. Assim, as necessidades básicas de milhões foram negligenciadas.

A pandemia desnudou algo presente há séculos na sociedade brasileira, a desigualdade socioeconômica. A precariedade das condições de habitação (moradia e saneamento básico) entrou no horário nobre dos noticiários da TV. Mas foram nos recantos onde existe mais desigualdade, em comunidades carentes, vulneráveis, favelas e outras denominações existentes no país, que a solidariedade brotou com força e soluções criativas surgiram. Ações coletivas organizaram o que políticas e políticos não conseguiram [...] (Gohn, 2020: 6).

Com o Auxílio Emergencial dado pelo Governo Federal não sendo suficiente para cobrir as necessidades básicas da população mais pobre no Brasil, muitos tiveram que recorrer à caridade. Assim, movimentos como a CUFA (Central Única das Favelas), o MNU (Movimento Negro Unificado), o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto), entre outros, cresceram no país.

A pandemia agravou a fome e a insegurança alimentar em todo o mundo, causando mobilização dos movimentos sociais para amenizar esse cenário. No Brasil, o aumento da fome já era uma situação presente no país, e se agravou com a pandemia. Com a alta no preço, o acesso aos alimentos ficou ainda mais difícil para as famílias de baixa renda e populações vulnerabilizadas socialmente. Tendo

os movimentos sociais, como, por exemplo, o MST, grande importância neste cenário.

As ações de combate à fome realizadas pelo governo brasileiro durante a pandemia de COVID-19 mostraram-se frágeis e insuficientes. Assim, Organizações da Sociedade Civil (OSC), movimentos sociais e instituições filantrópicas mobilizaram-se para tentar atenuar a situação de crise alimentar e calamidade pública vivenciada no país. (Laurentino *et al.*, 2022)

Assim, o MST tem um importante papel, com suas ações de doações e venda de alimentos, em amenizar a falta de acesso a alimentos de qualidade das populações que foram atendidas por suas ações.

Mas não só MST foi responsável por contribuir no auxílio à segurança alimentar dos brasileiros e brasileiras, inúmeros outros movimentos ajudaram a colocar comida na mesa de nossa população, nesse contexto, a participação e a mobilização de movimentos sociais assumem papel central, na luta ao combate à fome. Onde certas iniciativas, “revelam as contribuições importantes desses movimentos sociais para o provimento emergencial de refeições prontas e doação de cestas básicas - fruto do voluntariado, do engajamento e da solidariedade entre os moradores e suas comunidades” (Stanguini *et al.*, 2022). Tais ações foram essenciais para a existência e resistência de muitos brasileiros e brasileiras diante das adversidades, agravadas pela pandemia.

Em um período em que a fome e a miséria assolaram nosso povo, pautas que não eram consideradas tão urgentes acabaram sendo deixadas de lado por muitos dos movimentos sociais. A prioridade então se tornou a de colocar comida nos pratos dos brasileiros. Vaquinhas virtuais, arrecadações de alimentos e a distribuição destes foram vistos por todo o país. Assim, neste período em que pode parecer que houve uma desmobilização por parte dos movimentos sociais, na verdade houve fortalecimento de alguns destes.

No movimento feminista isto também não foi diferente, muitos grupos que lutavam por pautas específicas acabaram migrando para um trabalho mais assistencialista, ajudando milhões de pessoas em situação de vulnerabilidade. Outra característica que apareceu fortemente durante a pandemia nos movimentos feministas, foi a luta contra a violência doméstica. No 5º país do mundo que mais mata mulheres (Waiselfisz, 2015: 27), a pandemia afetou ainda mais os índices de violência contra elas, que agora viam-se confinadas em suas casas com seus agressores. Como exemplo, apenas na cidade de São Paulo, segundo dados da Secretaria de Segurança Pública, divulgados em 15 de abril de 2020, o número de assassinatos de mulheres dentro de casa dobrou durante o período de confinamento causado pela COVID-19 (Arcoverde & Acaya, 2020). Assim, no período

pandêmico, muitos movimentos feministas acabaram atuando diretamente no acolhimento e proteção destas mulheres afetadas pela violência acentuada pela pandemia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Justamente, a ideia de uma desmobilização dentro dos movimentos sociais é o que nos leva a refletir e perceber que, na verdade, muitos movimentos apenas mudaram de cara. Continuando suas atuações voltadas às pautas de necessidades mais básicas de nossa população. Além disso, muitas manifestações virtuais, painéis, intervenções artísticas e culturais puderam ser vistos em todo o país durante este período. Todavia a falta de uma cobertura da grande mídia para essas manifestações acentuou a sensação de desmobilização causada pela pandemia. Mas mesmo uma crise sanitária em escala global não impediu que as pessoas reivindicarem suas pautas nas ruas, como por exemplo, no dia 7 de setembro de 2021 quando tivemos o Grito dos Excluídos nas principais cidades do país, reunindo milhões de pessoas nas ruas contra o governo de Jair Bolsonaro e a sua necropolítica causada pelo (não) enfrentamento à pandemia.

A pandemia acelerou drasticamente mudanças nos movimentos sociais. Desta maneira, as teorias que tínhamos antes do período pandêmico não são mais suficientes para explicar o que ocorreu durante esta pandemia. O que sabemos é que estas mudanças vieram para ficar e que serão sentidas por pelo menos as próximas décadas. Assim, tentar entender o que aconteceu neste período e de como isto afetou os movimentos sociais é uma tarefa árdua, necessitando uma atenção especial aos pequenos detalhes que ocorreram.

A própria forma de constituição dos movimentos sociais que já vinha se alterando durante o século XXI, durante a pandemia, estas alterações se tornaram ainda mais acentuadas.

A pandemia e seus efeitos nas ações coletivas das ativistas trouxeram à tona novas preocupações que atravessam suas reflexões no nível individual, mas que, na maioria das vezes, se conectam com um contexto mais amplo, com seus coletivos e sobretudo com os processos políticos e sociais através do qual se cruzam as suas experiências no ativismo<sup>7</sup> (Sánchez & Fuentes, 2021: 29, tradução nossa).

---

<sup>7</sup>No original: “La pandemia y sus efectos en las acciones colectivas de las activistas ha puesto sobre la mesa nuevas preocupaciones que atraviesan sus reflexiones a nivel individual pero que la mayoría de las veces conectan con un contexto más amplio, con sus colectivos y sobre todo con los procesos políticos y sociales por los que se ven atravesadas sus experiencias en el activismo” (Sánchez & Fuentes, 2021: 29).

Assim, é necessário que ampliemos o nosso escopo analítico para entendermos o ocorrido neste período, onde a proliferação de coletivos foi fundamental em certos espaços de discussão social. Segundo Gohn (2020), o modelo de coletivos se baseia em valores, projetos societários e organização diferentes dos movimentos sociais clássicos.

Apesar de uma sensação coletiva de desmobilização dos movimentos sociais no Brasil e de uma falta de movimentos de resistência contra o governo de Jair Bolsonaro, o que percebemos é que muitos movimentos continuaram com suas lutas, colocando em pauta as suas questões e trazendo para a discussão em nossa sociedade as consequências causadas pela pandemia. Sem a atuação direta destes movimentos, podemos imaginar que as consequências da pandemia no Brasil seriam ainda mais duras.

Além do mais, especificamente nos movimentos feministas, os chamados feminismos com sobrenome cresceram exponencialmente nesse período no Brasil. Os movimentos de mulheres indígenas, mulheres do campo e de mulheres negras ganham cada vez mais força nas discussões em relação aos feminismos brasileiros. Algo que pode ser visto, por exemplo, na VI Marcha das Margaridas que ocorreu em 2019 em Brasília e reuniu aproximadamente 100 mil mulheres do campo, da floresta e das águas na capital federal (Sampaio, 2019), ou na I e na II Marcha das Mulheres Indígenas (2019, 2021), que levou milhares de mulheres indígenas a protestarem por seus direitos.

Também percebemos nesse período que, de uma forma arrebatadora, os feminismos adentraram a política, com um número crescente de candidatas declaradas feministas que assumiram o poder nas câmaras legislativas de todo o país. Além disso, nesse período, tivemos um forte aumento das candidaturas de mulheres trans, sendo em 2020 quatro vezes maior o número de pessoas trans eleitas do que em 2016 (Silva, 2020).

Com quase setecentos mil mortos, a pandemia de COVID-19 deixou marcas profundas na sociedade brasileira, ainda mais acentuadas por um crescimento da extrema pobreza em nossa população, sendo que, em 2020, um em cada quatro brasileiros, ou seja, 51 milhões de pessoas, em nosso país, vivenciaram estar abaixo da linha da pobreza (IBGE, 2021). Em um país em que cerca de 50% da população, ou seja, quase 117 milhões de pessoas, vivem constantemente em situação de insegurança alimentar (Canuto, 2021), podemos imaginar que toda essa realidade tenha afetado diretamente a luta dos movimentos sociais, que, apesar de todas as dificuldades encontradas, tiveram forças para lutar e continuar lutando para a construção de um país mais justo e solidário.

## REFERÊNCIAS

- Abreu, M., Dorneles, L., Gonçalves, V. (2018). *Mulheres Unidas contra Bolsonaro: muito além do ataque cibernético*. Le Monde Diplomatique Brasil.
- Agência Senado (2021). *Pesquisas apontam que milhares de mortes por covid poderiam ter sido evitadas no Brasil*. Senado Notícias.
- Aguiar, B. S., Pereira, M. R. (2019). O antifeminismo como backlash nos discursos do governo Bolsonaro. *Agenda Política*, 7(3), 8-35.
- Araoz, E. G. E., Ramos, N. A. G. (2022). Cansancio emocional en estudiantes universitarios peruanos en el contexto de la pandemia de COVID-19. *Educ. Form.*, 7(1), 1-20.
- Arcoverde, L., Acayaba, C. (2020). Femicídios voltam a crescer durante a pandemia em SP e nº mais do que dobra em julho; 2020 tem o maior nº de vítimas. *G1*.
- Barbosa, J. P. M., Lima, R. de C. D., Santos, G. de B. M., Lanna, S. D., Andrade, M. A. C. (2021). Interseccionalidade e violência contra as mulheres em tempos de pandemia de covid-19: diálogos e possibilidades. *Saúde e Sociedade*, 30(2), 1-13.
- Butler, J. (2020). El capitalismo tiene sus límites. In: G. Agamben et al. (Eds.), *Sopa de Wuhan* (pp. 59-66) ASPO.
- Calegari, A. E. S., Doti, M. M. (2022). SOCIEDADE DO CANSAÇO NO CONTEXTO BRASILEIRO PÓS PANDEMIA. *Revista Interface Tecnológica*, 19(2), 476-488.
- Canuto, L. C. (2021). *Fome atinge mais da metade dos lares brasileiros, alerta rede de pesquisadores*. Câmara dos Deputados.
- Duarte, N. A. M. (2021). MULHERES NO CONTEXTO PANDÊMICO: trabalhos relacionados ao cuidado, divisão sexual do trabalho e covid-19. *Scias: Direitos Humanos e Educação*, 4(1), 107-128.
- Duarte, A. (2023). *Pandemic and Crisis of Democracy: biopolitics, neoliberalism, and necropolitics in Bolsonaro's Brazil*. Routledge.
- El País (2018). *Ibope: Bolsonaro volta a crescer e vai a 31% enquanto Haddad vê rejeição disparar*.
- G1 (2018). *Pesquisa Ibope para presidente: Bolsonaro, 31%; Haddad, 21%; Ciro, 11%; Alckmin, 8%; Marina, 4%*.
- G1 (2020). *Mais de 33 milhões de brasileiros não têm acesso à internet, diz pesquisa*.
- Goes, E. F., & Ramos, D. de O. (2020). Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. *Trabalho, Educação e Saúde*, 18(3), 1-7.
- Gohn, M. da G. (2020). *Movimentos sociais e ações coletivas no Brasil em 2020 com a COVID-19: solidariedade, protestos, conflitos, confrontos e interpretações teóricas*. UNICAMP-UFABC-CNPq



- Gomes, A. D., Tavares, C. M. de M., Carvalho, J. C., Souza, M. T., Souza, M. de M. T. (2021). Emoções manifestas por adolescentes escolares na pandemia COVID-19. *Research, Society And Development*, 10(3), 1-6.
- Faludi, S. (2001). *Blacklash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. Rocco.
- IBGE (2021). *Mesmo com benefícios emergenciais, 1 em cada 4 brasileiros vivia em situação de pobreza em 2020*.
- IPEA (2017). *Estudo mostra desigualdades de gênero e raça no Brasil em 20 anos*.
- Klajner, S. (2021). "Estou bem! Só ando muito cansado": uma reflexão sobre outra "epidemia". *Veja Saúde*.
- Laurentino, J. S. L., Silva, A. T., Silva, E. R., Silva, C. S & Almeida, L. P. B. (2022). Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e suas contribuições para a Segurança Alimentar e Nutricional durante a pandemia de covid-19 no Brasil. *Saúde e Sociedade*, 31(4), 1-11.
- Lenguita, P. A. (2021). Luchas feministas, cuidados y comunidad en la post-pandemia. *Telos Revista de Estudios Interdisciplinarios En Ciencias Sociales*, 23(1), 141-149.
- Madeira, D. (2021). O FEMINISMO LATINO-AMERICANO EM MEIO À PANDEMIA. *Z Cultural: Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea*, (16).
- Martins, J. M. L. (2020). METAMORFOSES NA DEMOCRACIA DE PÚBLICO: a eleição presidencial de 2018 e o uso do facebook pelas eleitoras de jair bolsonaro. *12º Encontro da Abcp*, 1-22.
- Picheta, R. (2020). *Países ricos estão estocando vacinas e deixando o restante do mundo para trás*. CNN.
- Resende, R. (2021). *Relatório da CPI aponta que população negra foi mais atingida durante a pandemia*. Rádio Senado.
- Sampaio, C. (2019). *Marcha das Margaridas 2019 deve reunir mais de 100 mil mulheres em Brasília (DF)*. Brasil de Fato.
- Sánchez, M. P., Fuentes, D. E. B. (2021). Efectos de la pandemia por la Covid-19 en las movilizaciones feministas de la Ciudad de México. *Movimientos: Revista Mexicana de Estudios de los Movimientos Sociales*, 5(1), 6-36.
- Santos, H. L. P. C dos, Maciel, F. B. M., Santos, K. R., Conceição, C. D. V. S. da, Oliveira, R. S. de, Silva, N. R. F. Da & Prado, N. M. de B. L. (2020). Necropolítica e reflexões acerca da população negra no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: uma revisão bibliográfica. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(2), 4211-4224.
- Schwengber, M. S. V. & Pinheiro, N. L. G. M. (2020). Movimento #EleNão: reconhecimento e afirmação do ato de fala das mulheres na política. *Educação*, (45), 1-17.
- Silva, V. R. (2020). *Quantidade de pessoas trans eleitas em 2020 é quatro vezes maior que em 2016*. Gênero e Número.

- Silva, J. (2021). O movimento “#ELENÃO” e seu apagamento discursivo sob a contranarrativa do “#ELESIM”. *Revista do Gele*, 23(1), 17-28.
- Silva, V. H. (2022). *81% da população brasileira acessou a internet em 2021, diz pesquisa; TV supera computador como meio*. G1.
- Stanguini, N. S., Nunes, N. C., Bertolini, A. M. & Giulio, G. M. (2022). Movimentos sociais de resistência ao cenário de insegurança alimentar e fome no contexto da pandemia de Covid-19. In: W. M. R. Gunter, & A. Philippi Junior (Eds.), *Construindo sustentabilidade em contextos urbanos* (294-314). Faculdade de Saúde Pública da Usp.
- United Nations (2018). *E-Government Survey 2018*. Department Of Economic and Social Affairs.
- Waiselfisz, J. J. (2015). *Mapa da Violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil*. Flacso Brasil.
- Weterman, D. (2018). Bolsonaro cresce seis pontos entre mulheres após 'EleNão'. *Terra*.
- Willians, D. (2020). Promessas de solidariedade esquecidas: países ricos dominam compra de vacinas. *CNN*.